

# **ELE E NÓS**

Obstinado e messiânico, mas ao mesmo tempo democrático e sentimental, Juscelino tomou para si uma idéia secular: a criação da nova capital do país

# O dono do sonho

**TT Catalão**  
Da equipe do **Correio**

**P**aixão que se explica perde o encanto. Magia sem surpresa é engano. JK era só um homem. Não era JC para ganhar altares ou veneração sem críticas. Mas o homem JK possuía uma tempeira incomum para o padrão de político brasileiro. Conseguia ser democrático entre riscos impulsivos e astúcias metódicas. Bailava. Talvez a firmeza das montanhas de Minas encontrasse em JK o maior mistério da região: aparentemente imutáveis, se abertas as entradas, revelavam riquezas.

JK estava uma usina de sentimentos no dia 29 de junho de 1958. No Brasília Palace Hotel, ele colocava a mão no rosto para melhor se concentrar na tosca transmissão das jogadas de Pelé, Garrincha, Vavá e Nilton Santos na Suécia. Do rádio de pilha com a voz imprecisa do *speaker* só se ouvia mesmo: goool. E foram cinco. E o país perdia o complexo de vira-latas (no saque de Nelson Rodrigues) ante o mundo. Quem diria. JK estava em Brasília para uma solemnidade no Palácio da Alvorada. A obra-prima que teve seu primeiro esboço recusado e devolvido à prancheta de Niemeyer até voltar com a forma absoluta de um poema em concerto concreto. Beleza com função estrutural. Resumo de Brasília.

A força mobilizadora de JK veio de um conjunto: o pragmatismo da ocupação territorial; expansão de núcleos econômicos; novos canais políticos para forças eqüidistantes menos dependentes das gestões "café-com-leite", Rio-SP, que revezavam no poder; a abertura cultural ao sertão e a excepcional personalidade do único JK. Fora do racional insere-se o JK messiânico capaz de acender um povo inteiro para mostrar a eficácia de um combustível cidadão: se todos decidem não há quem impeça.

Brasília era projeto anunciado. Desejo político, técnico, administrativo, militar desde a luta dos Inconfidentes (1789). Há razões lógicas em JK para cumprir a Constituição e assim transferir a capital. Convive em JK, também, a magnifica e santa dose de loucura ao assumir tamanha obstinação.

JK foi feliz ao descrever como "ermo" e não como "nada", aquele "horizonte baixo, rasgado, como se engolisse todo o céu". "Inaugurava" o rude "aeroporto Vera Cruz" aberto na vila de São Simão, onde hoje está a Rodovia Fernão Vítor.

picada por Sayão, onde hoje está a Rodovia Rodoviária. JK, nesse primeiro caminhar de 1956 (visitou a cruz afixada em 1955, próxima ao Memorial, e bebeu café na Fazenda do Gama). Pesava o descrédito. O general Lott, ministro da Guerra, chegou a perguntar se ele estava “mesmo” convicto. JK balançava mas lançou um “choque no grupo”: “Brasília será construída em 3 anos e dez meses”. Diz a Lott que passará a faixa presidencial ao sucessor, em Brasília. Mais tarde, em plena febre da construção do Plano Piloto de Lucio Costa, 1959, se aproxima de cidadãos que jogavam conversa fora ao redor de um fogo: “Preparo essa noiva (Brasília) para casar com outro”. Era provocação. Os trabalhadores, íntimos dessas visitas,

Era provocação. Os brasilienses, inteiros desse vicio, quase em coro respondem: "Brasília sempre será sua".

de alguns deputados oposicionistas. Só votaram a favor porque 'Brasília seria meu túmulo político'. Pode-se imaginar a emoção do primeiro concreto virado, em 24 de outubro de 1956, para erguer o Catetinho. Requinte foi a chuva de granizo, com gelo para o uísque dos convivas.

Como todas as sagas, um marco pode usar a referência no dia chuvoso de 4 de abril de 1955. Comício de Jataí-GO. Ainda candidato à Presidência, JK responde a legenda pergunta de Antônio Soares Neto (nascido em 1925), o Tonquinho. Se eleito mudaria a capital. Três meses depois de eleito assina a mensagem, 18 de abril de 1956, ao Congresso em um boteco no aeroporto de Anápolis. Criava a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e o nome Brasília. Câmara e Senado aprovam o projeto, por unanimidade. Sancionada a Lei 2.874, de 19 de setembro. No mesmo dia, é lançado o Concurso do Plano Piloto. Cumpria a Constituição (constava nas Cartas de 1891, 1934 e 1946). JK elege a construção da capital meta-síntese.

Um percurso de coincidências, acidentes históricos, traições, desvios e belos exemplos de caráter e luta só encontraria plenitude na inauguração de Brasília. O *Correio Braziliense* de 1813, 1818 e 1822 publica artigos de Hipólito José da Costa em defesa da

# QUEM FOI JUSCELINO

*Juscelino Kubitschek de Oliveira nasceu em 12 de setembro de 1902 em Diamantina (MG). Formou-se em Medicina em 1927. Em 1933, é nomeado secretário de governo de Minas Gerais. É eleito deputado federal em 1934 e nomeado prefeito de Belo Horizonte em 1940. Cinco anos depois, torna-se deputado federal. Em 1950, é eleito governador de Minas. Em abril de 1955, inicia campanha presidencial. Toma posse como presidente da República em 1956. Inaugura Brasília em 21 de abril de 1960 e, em 31 de janeiro de janeiro, entrega o cargo de presidente da República a Jânio Quadros. É eleito senador por Goiás e cassado em junho de 1964. É exilado e vai morar no exterior. Volta ao Brasil em abril de 1967 e, no ano seguinte, funda a Frente Ampla de Oposição. Em 22 de agosto de 1976, morre em acidente de carro no quilômetro 165 da Via Dutra.*

Comodato mantido no subúrbio da UK, no bairro

Como devia martelar na cabeça de JK, nas longas quatro horas de turbulência do avião Douglas entre Rio e o Planalto, trechos de editoriais como o do *Correio da Manhã* de 24 de março de 1957: "Com os setecentos milhões de cruzeiros dados à pirâmide do sr. Juscelino, o Rio resolveria os dramáticos problemas que a estão tornando inóspita e inabitável". Meses depois da inauguração de Brasília, começava a Campanha do Retorno (com "recaídas" constantes, até meados dos anos 70, principalmente de *O Globo*). Brasília, até hoje ameaçada por governos sem o menor vínculo com seu conceito, resiste. Resiste, por que quem a ama e insiste.



## JUSCELINO E LUCÍO COSTA: PERCURSO DE COINCIDÊNCIAS, ACIDENTES HISTÓRICOS E TRAÍÇOES